



Coordenação Nacional de
Articulação das Comunidades
Negras Rurais Quilombolas

FORMAÇÃO DE
QUILOMBOLAS
MENINAS



ESCOLA NACIONAL DE
FORMAÇÃO DE
MENINAS QUILOMBOLAS

LUTE

como uma

menina

Quilombola



APOIO:
MALALA
FUND

ESCOLA NACIONAL DE FORMAÇÃO DE
Meninas Quilombolas



Introdução

A Escola Nacional de Formação de Meninas Quilombolas é uma iniciativa do Coletivo Nacional de Educação da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais (CONAQ) voltada para **erguer as vozes de meninas quilombolas para uma incidência política qualificada pelo direito à educação.**

Desde 1995, com a marcha Zumbi dos Palmares, o movimento quilombola reivindica uma educação diferenciada que valorize e fortaleça os laços ancestrais e a ligação entre identidade quilombola e território, reconhecendo cada pessoa quilombola como detentora de direitos.

“valorizar e fortalecer os laços ancestrais e a ligação entre identidade quilombola e território”

Desde a criação da CONAQ em 1996, a luta por uma educação que valorize a história e os saberes do povo quilombola é parte orgânica das lutas do movimento.



Apesar das mudanças e de marcos importantes, como a Lei 10.639/03 - que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas - as disparidades raciais na educação básica não foram superadas, gerando uma desvantagem grave para a população quilombola.

FORMAÇÃO DE MENINAS
QUILOMBOLAS



O Coletivo Nacional de Educação Quilombola da CONAQ

Como parte da sua agenda de luta, a CONAQ tem denunciado que quilombolas têm sido um dos grupos mais impactados pelo regime perverso de exclusão social da educação brasileira.

Ativistas de educação da CONAQ têm trabalhado em diferentes territórios, contribuindo para o debate sobre diretrizes curriculares e projetos político-pedagógicos de educação quilombola. Esse trabalho tem influenciado mudanças nas práticas e nas políticas pedagógicas em estados e municípios e disputado a melhoria da educação dirigida à população quilombola. Em setembro de 2019, a CONAQ criou na sua organização interna o Coletivo Nacional de Educação Quilombola, formado por professoras e professores quilombolas de todo o país.



O Coletivo tem por objetivos:

(A) contribuir para o desenvolvimento de capacidades de professoras e professores quilombolas; (B) tratar os dados disponíveis e produzir dados próprios sobre as barreiras enfrentadas por quilombolas no acesso à educação; (C) incidir nas políticas públicas de educação no âmbito nacional, estadual e municipal; (D) incidir nas escolas para que uma história brasileira afro-centrada, com perspectiva quilombola, seja adotada na prática nos currículos escolares, (E) debater, tensionar e incidir na elaboração e implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola; (F) mudar o cenário de invisibilidade dos assuntos e questões quilombolas no currículo, nos conteúdos, nas práticas e na formação docente no ensino de nível superior; (G) assegurar formação de qualidade para professoras e professores que atuam nos territórios.



O Coletivo Nacional de Educação Quilombola da CONAQ organiza anualmente, desde 2022, o Curso de Formação de Professoras e Professores Quilombolas. O curso atende a uma demanda permanente que é a formação de profissionais da educação para garantir que a educação escolar quilombola seja de fato uma modalidade de educação diferenciada. Os dados do Censo da Educação apontam que a falta de formação de profissionais da educação em relações étnico-raciais, com foco na educação quilombola, é um grande obstáculo para que seja implementada de fato a educação escolar quilombola no país.

A principal meta do Curso é possibilitar a professoras e professores, que asseguram a educação quilombola no dia a dia, ferramentas e conteúdos para aplicar adequadamente as diretrizes da educação escolar quilombola e implementar instrumentos, ferramentas e conteúdos construídos com a pedagogia quilombola. Com a formação de professoras e professores, tem sido possível ampliar o seu conhecimento e capacidades, apoiando ainda ações de incidência sobre as políticas públicas de educação. As duas edições do Curso ofereceram uma base teórica e prática para construção das diretrizes municipais, componentes curriculares, materiais didáticos específicos e projetos político-pedagógicos nos territórios.

“garantir que a educação escolar quilombola seja de fato uma modalidade de educação diferenciada.”



O curso, nas suas duas edições, foi marcado pela presença massiva de professoras e professores que atuam nas escolas quilombolas. A primeira edição do Curso foi realizada de 20 de maio a 09 de setembro de 2022 e a segunda edição foi realizada de 21 de setembro a 15 de dezembro de 2023.

Ao todo 5.784 pessoas participaram de forma síncrona do Curso, que é oferecido em formato on-line. O curso está disponível em todas as suas edições no **canal da CONAQ no Youtube e conta com mais de 40 mil visualizações.**

WELL

A ESCOLA NACIONAL DE FORMAÇÃO DE MENINAS QUILOMBOLAS

Diante de tantos desafios para assegurar o direito de quilombolas à educação, incluindo problemas de infra-estrutura, falta de qualidade do ensino, falta ou dificuldade de transporte escolar, merenda precária, empobrecimento das escolas e do tipo de educação que é ofertada nos quilombos, o Coletivo Nacional de Educação Quilombola da CONAQ atua para fortalecer o ativismo pelo direito à educação nos territórios, valorizando a produção de conhecimento intergeracional entres griôs, mestras e mestres do saber quilombolas e jovens.

A Escola oferece um programa de formação complementar, com objetivo de fortalecer o protagonismo das meninas quilombolas na luta pelos seus direitos, principalmente o acesso a uma educação quilombola diferenciada e com qualidade.

fortalecer o protagonismo das meninas quilombolas



A Escola Nacional de Formação de Meninas Quilombolas nasceu para mudar a realidade de empobrecimento e discriminação estrutural das escolas e da educação oferecida nos quilombos. Fundada em 21 de novembro de 2022, com apoio do **Fundo Malala**, a primeira turma da Escola formou 39 meninas e 11 meninos quilombolas com idade entre 15 e 18 anos, estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e dos anos iniciais do Ensino Médio. Além de estudantes quilombolas, a primeira turma da Escola também formou 40 professoras e professores quilombolas ou que atuam nas escolas quilombolas.

As escolas quilombolas enfrentam problemas de infraestrutura e de qualificação dos profissionais da educação. Esses profissionais geralmente desconhecem os desafios históricos dos estudantes quilombolas. A existência de escolas nos quilombos, bem como a presença de professores e professoras qualificadas, contribuem para que as práticas pedagógicas escolares não alijem estudantes quilombolas do espaço escolar.





Nem todos os territórios quilombolas contam com escolas. As escolas quilombolas ofertam, na sua esmagadora maioria, a educação básica e fundamental. São poucas as escolas quilombolas no país que oferecem o ensino médio. A maioria significativa das professoras e professores quilombolas atuam no ensino infantil, básico e fundamental. Assim, o ingresso no ensino médio traz a ruptura de vínculo e o afastamento da e do estudante quilombola do seu território, da sua identidade e da sua história.

Para uma estudante quilombola, cursar o ensino médio significa um processo de alienação da sua trajetória e dos seus valores ancestrais.



As diretrizes curriculares, as políticas e práticas pedagógicas universalistas empregadas massivamente no ambiente escolar invisibiliza a história dos quilombos e faz a estudante quilombola desaparecer cultural e etnicamente. O desconhecimento de outras histórias e saberes por parte dos profissionais da educação apaga as trajetórias negras e quilombolas dos currículos escolares. Esse é só um aspecto da falta de ações educativas que enfrentam as práticas racistas e o racismo anti-quilombola do ambiente escolar.

A formação é, portanto, urgente e necessária para desenvolver um espaço próprio de estímulo e de luta para que meninas e meninos que enfrentam defasagens e desigualdades na educação possam atuar para mudar a rota da exclusão e discriminação que impacta suas trajetórias de vida.

Seleção para primeira turma

Para a formação da primeira turma da Escola, foram recebidas 444 inscrições de todas as regiões do Brasil. Candidataram-se para fazer parte da primeira turma estudantes, e professoras e professores de vários estados brasileiros:

Alagoas, Amazonas, Amapá, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins.

O lançamento oficial da primeira turma da Escola Nacional de Formação de Meninas Quilombolas aconteceu dia 21 de novembro de 2022 e está disponível no canal do Youtube da CONAQ.



Gostaria de assistir ao lançamento oficial da 1ª turma?



Aponte a câmera do seu celular para esse QR-CODE

Foram selecionadas 39 meninas e 11 meninos quilombolas cursando os anos finais do Ensino Fundamental II (8º ou 9º anos) e/ou 1º ou 2º ano do Ensino Médio, além de 40 professoras e professores que atuam na educação escolar quilombola, preferencialmente encarregados de ensino nos anos finais do Ensino Fundamental II (8º ou 9º anos) e/ou no 1º ou 2º ano do Ensino Médio.



A METODOLOGIA DE TRABALHO

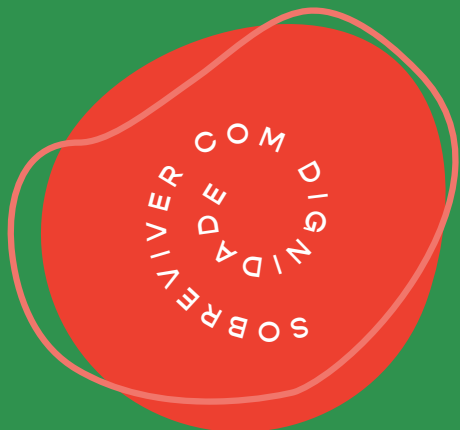
A Escola é uma iniciativa inovadora no cenário brasileiro de **luta contra as desigualdades e o racismo institucional na educação**. Em quase três anos de trabalho, professoras e ativistas quilombolas construíram uma metodologia própria trabalhando junto com a juventude quilombola.

Uma metodologia que olha para a realidade de meninas e mulheres quilombolas, ao mesmo tempo em que valoriza a relação da educação com o território e com as lutas do movimento quilombola nos vários municípios e estados onde a população quilombola luta para sobreviver com dignidade.

“**valoriza a relação da educação com o território e com as lutas do movimento quilombola**”



Assim, tem sido **construído caminhos para participação e ativismo das meninas nos assuntos que impactam a sua vida e a vida da sua comunidade**; os conteúdos são trabalhados com a pedagogia quilombola e os muitos conhecimentos da teoria e da prática que estão vivos em cada quilombo, e fazem parte de movimento de resistência quilombola, são repassados e multiplicados.



Em dois anos, a Escola Nacional ministrou mais de 19 aulas em formato on-line para 50 estudantes quilombolas e 19 aulas on-line para 40 professoras. Além disso, foram organizados 7 encontros de formação e debate com 50 pais e mães de estudantes. Os principais temas desenvolvidos na formação foram: territorialidade quilombola, identidade étnica e cultural quilombola; educação escolar quilombola na história e nos direitos; racismo, enfrentamento ao racismo e a resistência antirracistas; políticas públicas para quilombolas; e como fazer advocacy por direitos quilombolas, considerando o papel de órgãos públicos. Além das aulas, foram também assegurados encontros periódicos de assessoria pedagógica com cada estudante.

A partir de dezembro de 2022, começaram a funcionar os grupos de aprendizagem e assessoria pedagógica com estudantes da Escola. Através dos grupos de aprendizagem e assessoria pedagógica, cada professora quilombola da equipe técnica da Escola acompanhou diretamente um grupo de 10 estudantes, apoiando o seu aprendizado e discutindo diretamente com cada estudante propostas de intervenção e incidência política em assuntos relacionados à sua escola e ao funcionamento da educação quilombola no seu estado e município. Os encontros de assessoria pedagógica permitiram às e aos estudantes um espaço de construção colaborativa, ampliando a abordagem dos temas com planejamento e acompanhamento das ações de incidência política locais.





A experiência de trabalho nos últimos anos mostrou o quanto é necessário ter um olhar mais direcionado para as meninas e meninos quilombolas e contribuir no seu processo de aprendizado em relação a temáticas que têm impactos em suas vidas e são ignoradas pelo currículo formal.

À medida que a formação foi avançando, as e os jovens se mostraram cada vez mais empenhadas na defesa da cultura, dos valores, do território e da educação quilombola, usando o ativismo dentro e fora da comunidade e do ambiente escolar. Reflexões críticas, processos autônomos de aprendizagem e produção de informações, que muitas vezes escapam aos livros e currículos escolares, alimentaram o trabalho da Escola nos vários momentos de debate e elaboração coletivas.



Erguendo as vozes das meninas e construindo coletivamente seu protagonismo

A Escola Nacional tem sido um espaço privilegiado de formação de jovens para o ativismo. Sendo a primeira experiência do tipo no âmbito do movimento nacional quilombola, além do caráter inovador, tem permitido às e aos estudantes várias oportunidades de reafirmar sua identidade e protagonismo.

A ação dessas e desses jovens tem como efeito gerar exemplos de atuação para outras e outros estudantes do país. Dessa forma, o trabalho da Escola tem contribuído para que jovens quilombolas se **identifiquem e se posicionem diante de situações racistas e de restrições de direitos, a partir da compreensão das questões raciais e de gênero e como funciona o Estado brasileiro.**



Nos últimos dois anos, as meninas da Escola protagonizaram várias atividades de advocacy e tiveram a oportunidade de participar de painéis, debates e encontros de formação sobre fortalecimento do ativismo de mulheres negras e educação quilombola. A participação das meninas tem sido **reconhecida e valorizada no âmbito do Coletivo de Educação Quilombola da CONAQ**, entre lideranças, professoras quilombolas e outras ativistas do direito à educação.



No segundo ano de trabalho da Escola, foi elaborada e lançada a vídeo carta das meninas quilombolas na luta por educação de qualidade. A vídeo carta foi construída progressivamente, à medida em que avançavam os módulos de formação da Escola e o aprendizado das meninas.



Em maio de 2023, em atividade organizada pelo Fundo Malada, a carta foi entregue pelas meninas quilombolas à Malala Yousafzai e, posteriormente, foi apresentada em encontro com o Ministro da Educação, com a participação da ativista Malala.



Num trabalho intensamente colaborativo com as meninas quilombolas, foram mapeados os principais problemas e organizados encontros de elaboração de conteúdo e discussão coletiva do texto denúncia da vídeo carta.



As atividades de advocacy lideradas pelas meninas da Escola têm alcançado resultados concretos de mudanças nas escolas. Em diferentes atividades foram alcançados compromissos dos gestores públicos em melhorar a qualidade da educação quilombola.



A Escola Nacional na voz e na ação das

MENINAS QUILOMBOLAS



★ MARIANA DE JESUS



Em 16 de fevereiro de 2023, Mariana de Jesus, 16 anos, estudante do 1º ano do Ensino Médio, **do quilombo Caraibas (Isaías Coelho, estado do Piauí)**, participou de audiência com o Secretário de Estado de Educação do Piauí. Ela representou estudantes quilombolas da rede estadual em uma audiência sobre educação quilombola e indígena e abordou as dificuldades que enfrenta para continuar seus estudos. Essa foi a primeira vez que um Secretário de Estado de Educação, no Piauí, dialogou com uma estudante quilombola.

Em decorrência das demandas apresentadas ao Secretário Estadual, nesse encontro, foi criado, no âmbito da Secretaria Estadual de Educação, uma diretoria de unidade de educação escolar indígena e quilombola, encarregada de agilizar a efetivação da política escolar quilombola no estado. De acordo com Mariana de Jesus:

“Foi a primeira vez que viajei desacompanhada da minha mãe e do meu pai. Pra mim foi uma honra ter participado desse momento, foi muito importante para mim ter representado os estudantes do nosso Piauí. Aprendi que podemos sim ter uma educação de respeito e temos que defender nossos direitos e realizar nossos sonhos e objetivos. Está sendo importante pra mim ter acesso a outros conhecimentos que me deixam mais segura e disposta a ajudar na luta pelos direitos da minha comunidade.”

* GABRIELLEN BENTO



Gabriellem Lorrany da
Conceição Bento, 14 anos,
estudante do 9º ano do
Ensino Fundamental, do
quilombo Boa Vista
(Salvaterra, PA)

Indignada com os graves problemas de infraestrutura da sua escola, como falta de água de qualidade, junto com outros colegas estudantes, liderou uma campanha no facebook denunciando os problemas da escola e cobrando respostas do Secretário Municipal de Educação. Como conta Gabriellem Bento:

“Tudo começou quando eu e meus colegas da escola não aguentávamos mais a falta de merenda, de água e a falta de manutenção da escola. Aí eu decidi me pronunciar em nome da minha turma e da minha escola, foi aí que eu fiz a postagem, sem

comunicar a diretora da escola. Falei sobre todas as nossas necessidades na postagem e foi aí que chegou nos ouvidos do secretário de educação. Ele marcou uma reunião com os nossos pais e com nós alunos, onde foi discutido tudo que queríamos que fosse efetuado! Eu nunca tinha feito isso antes, mas agora, e também com ajuda da Escola Nacional de Meninas Quilombolas, eu estou me reconhecendo, mais sabendo me expressar por mim e pela minha comunidade e acabei me tornando um exemplo para os moradores da minha comunidade. Lembrando que, depois da minha postagem, está havendo avanços na minha escola. Acabei de sair da reunião onde fui chamada de a nova “Dandara”!”

Após a iniciativa de Gabriellem Bento, o Secretário Municipal foi até a comunidade, visitou a Escola e se comprometeu com respostas às demandas apresentadas pela estudante. Muitas mudanças positivas aconteceram em sua escola, como mudança no cardápio da merenda escolar e do sistema de abastecimento de água.



* DÉBORA MAFRA

Comunidade Bom Viver,
em Mirinzal (MA)

“A Escola Nacional de Formação de Meninas Quilombolas tem sido um mega desafio. Pode parecer simples para alguns, mas confesso que para mim tem feito a diferença. Durante um curto espaço de tempo pude perceber um amadurecimento pessoal em relação à luta quilombola, e principalmente à educação que nos é concedida”.

“Ampliei mais a minha visão. Sempre me identifiquei como quilombola e sempre estudei em escola quilombola, mas eu tinha vergonha de participar dos projetos. Percebi que não preciso ter vergonha de nada. A Escola Nacional me ajudou a perder a timidez e a ter mais local de fala. Eu não conseguia me posicionar e hoje eu consigo”.

* MARIA LEONTINA

Quilombo Conceição
das Crioulas, em Salgueiro (PE)



* ANA CLARA FONSECA



Os aprendizados adquiridos com a Escola têm fortalecido projetos próprios liderados por meninas quilombolas. Têm ainda reforçado seu interesse em participar dos processos de construção de movimento e liderança social nos seus quilombos.

Ana Clara Alves Gonçalves Fonseca, 15 anos, do quilombo

Candeal II (Feira de Santana, estado da Bahia), estudante do 1º ano do Ensino Médio, e aluna da Escola Nacional é uma das idealizadoras do Programa “A voz do Quilombo”, idealizado por ela e por outras jovens quilombolas da sua comunidade. O Programa é transmitido pela rádio comunitária, pelo Youtube e pelas redes sociais.

Por meio do Programa, Ana Clara e suas colegas fazem reivindicações políticas das autoridades públicas e produzem conteúdos sobre a realidade quilombola, sob a perspectiva da juventude. Nas palavras dela:

“O Programa “A Voz do Quilombo” teve início em 2021. É uma proposta para discutir questões relacionadas à juventude negra e identidade sobre a perspectiva dos próprios jovens. É composto por nós, meninas pretas, e visa discutir questões da comunidade, de desenvolver a comunicação comunitária e a popularização da informação. Nós trazemos vários temas raciais, a gente também já trouxe temas sobre origem de instrumentos africanos e vários outros temas relacionados à África.”

* MARIA CLARA NASCIMENTO



Do quilombo Dilô Barbosa (São Mateus, ES), estudante do 2º ano do Ensino Médio e aluna da Escola Nacional é uma jovem que vem se destacando como liderança em sua comunidade:

“Na minha comunidade eu atuo ajudando minha mãe na Associação de moradores, onde ela é presidente. Ajudo na gerência e organização da Associação. Aprendi muitas coisas, coisas que nem passavam na minha cabeça. A Escola de Formação de Meninas Quilombolas foi essencial para me ajudar a ter outros olhares e outros pensamentos e aprendizados. Além também de ter conhecido pessoas maravilhosas e com palavras de muita sabedoria!”

Sabemos que há um longo caminho a percorrer na luta pela implementação de fato e com qualidade da educação escolar quilombola no país e para que a história e os conhecimentos quilombolas entrem pela porta da frente no sistema de educação brasileiro. Com a Escola Nacional, aquelas e aqueles que mais sofrem as consequências da precariedade e da desvantagem educacional passam a ser vistos por aquilo que representam: **esperança de um futuro melhor e mais justo para quem precisa.**

EQUIPE DA ESCOLA NACIONAL DE FORMAÇÃO DE MENINAS QUILOMBOLAS

FORTALECER O PROTAGONISMO
DAS MENINAS QUILOMBOLAS

Cleane Silva



Vanessa Rocha



Agnes Carina



Sarah Fogaça



Élide Lauris



Givânia Maria da Silva



Inayanne Regina



Sandra Andrade



Letícia Queiroz



Aparecida Mendes



Jhonny Martins

PROFESSORAS E PROFESSORES DA PRIMEIRA TURMA DA ESCOLA NACIONAL DE FORMAÇÃO DE MENINAS QUILOMBOLAS

Adriana da Silva Alexandre Felipe

Adriana Mendes Fonseca

Angela Beatriz Barbosa Santos

Antônio Júlio Gonçalves

Cláudia Beserra de Almeida

Cleidiane Oliveira Santos

Cleonice Ferreira de Sousa

Cyntia Jussara Barbosa de Melo

Diane Almeida Ramos

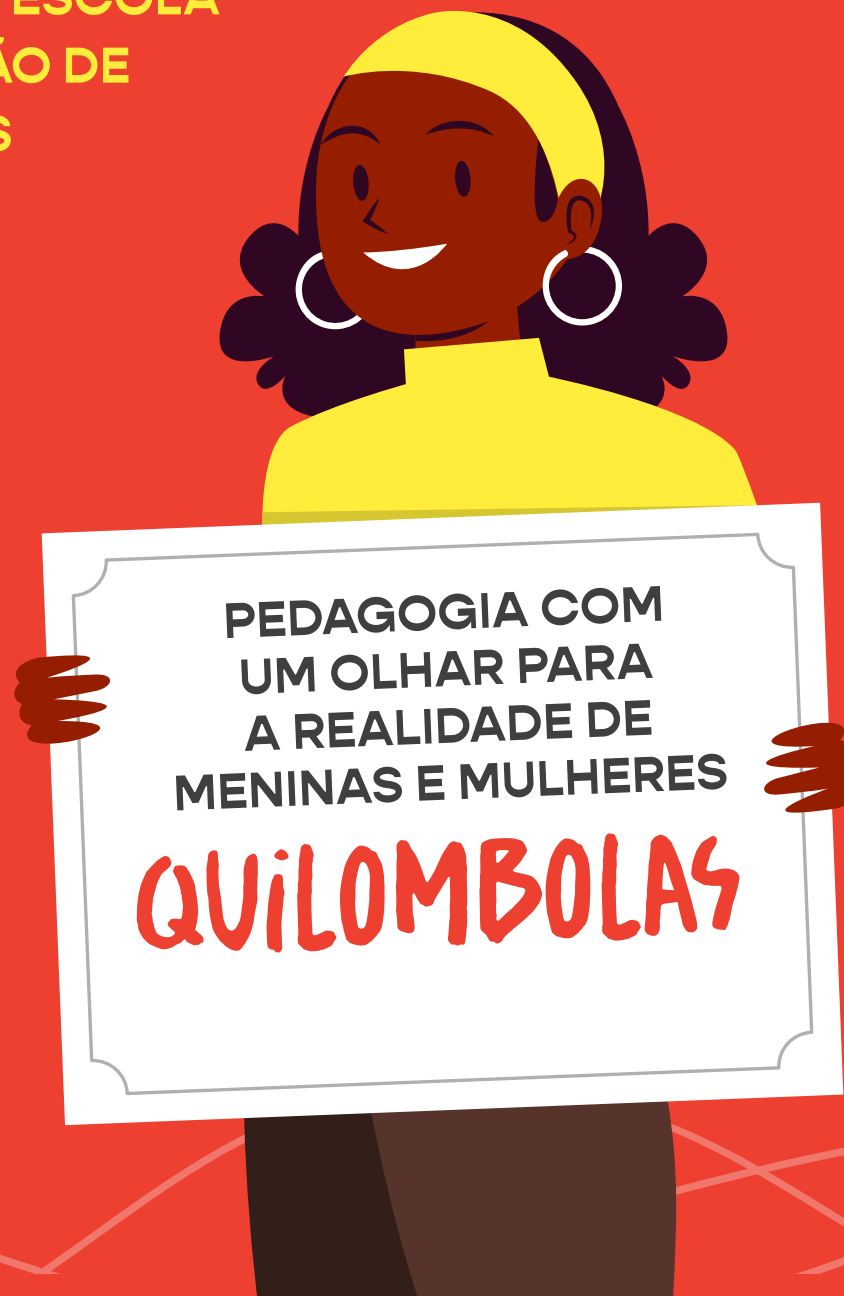
Fernanda Gomes Pinheiro

Glasielle Andrade de Matos

Irailda Leandro de Carvalho

Jacks Clenio Andrade da Silva

Jaini Muniz De Aguiar



Jeocelayne Cristilla de Oliveira Costa

Joeberte de Jesus Lima Correia

Josefa de Jesus Costa

Josefina Sávia Costábile de Jesus

Juliana de Oliveira Silva Roque

Juliene Pereira dos Santos

Karina Pereira Brandão

Lidia Vilhena Pantoja

Luciana Cruz Guimarães

Marcia Adriana Ferreira

Maria Benedita Borges David

Natália Souza Pereira

Rosa Mere Serra Soeiro

Rosângela da Silva do Amaral

Rosiane dos Santos Barbosa

Simone Nunes de Souza Rodrigues

Valdirene Rodrigues Bastos Souza

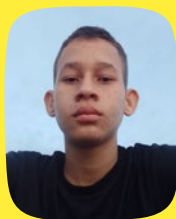
Vanessa Dias do Rosário

Viviane da Silva Wanderley

ESTUDANTES DA PRIMEIRA TURMA DA ESCOLA NACIONAL DE FORMAÇÃO DE MENINAS QUILOMBOLAS



Ana Clara Alves G. Fonseca, 16 anos
2º ano do Ensino Médio integrado – Eletrotécnica
Quilombo Candéal II, BA



Abraão Caetano de Araújo, 16 anos
1º ano do Ensino Médio
Quilombo Praia de Sibaúma, RN



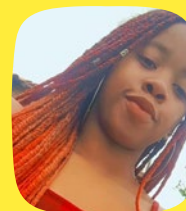
Amanda Victória do C. Martins, 15 anos
1º ano do Ensino Médio
Quilombo São Judas, PA



Ana Keure de Castro Silva, 18 anos
3º ano do Ensino mediado tecnológico
Quilombo Santa Tereza de Matupiri, AM



Ana Laura Donato dos Santos, 18 anos
UFSCAR - Administração
Quilombo Porto Velho, SP



Ana Luiza Mendes Demérito, 17 anos
2º ano do Ensino Médio
Quilombo Gerais Velho Ubaí, MG



Ana Luiza Borges de Oliveira, 15 anos
2º ano do Ensino Médio
Quilombo Rio das Rãs, BA



Ana Paula Mendes B. de Sousa, 18 anos
estudante universitária
Quilombo Colônia do Piauí, PI



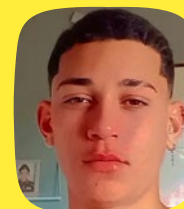
Analita Silva Santos, 17 anos
2º ano do Ensino Médio
Quilombo Sítio Novo, AL



Andriel Reis Paixão
1º ano do Ensino Médio
Quilombo São Paulo de Açú, AM



Débora Fernanda Mafra Fonsêca, 17 anos
3º Ano do Ensino Médio
Quilombo Bom-Viver, MA



Carlos Eduardo M. do Espirito Santo, 18 anos
3º Ano do Ensino Médio, Quilombo Lagoa Fea
Campos dos Goytacazes, RJ



Dhonata Castro Nunes, 17 anos,
2º ano do Ensino Médio,
Quilombo do Rosário, PA



Isabely Gomes Bispo, 19 anos,
estudante universitária,
Quilombo do Monte Recôncavo, BA

Emely Rodrigues dos Santos, 15 anos,
1º Ano do Ensino Médio,
Quilombo Boa Fé, AM



Isadora Francisca S. Moraes, 15 anos,
1º ano do Ensino Médio,
Quilombo André Lopes, SP



Erika Ferreira Moraes, 15 anos,
1º ano do Ensino Médio,
Quilombo Sumidouro, MA



Jane Rafaela Soares de Souza, 17 anos,
estudante universitária.
Quilombo Agreste, MG

Evilyn Almeida Pereira, 17 anos,
3º ano do Ensino Médio,
Rincão Santo Inácio, RS



Joeli Eduarda Picanço da Silva, 19 anos,
Quilombo Distrito de Igarapé do Lago, AP



Flavia Vitória Barbosa Batista, 16 anos,
2º ano do Ensino Médio,
Quilombo Feixo, PR



Juliany Carla da Silva, 16 anos,
2º ano do Ensino Médio,
Quilombo Trigueiros, PE

Gabriellem Lohanny C. Bento, 15 anos,
1º ano do Ensino Médio,
Quilombo Boa Vista, PA



Kauã De Sousa Silva, 15 anos,
1º ano do Ensino Médio,
Quilombo Salinas, PI



Glaydson Italo de Jesus, 16 anos,
2º ano do Ensino Médio,
Quilombo Itamatatiua, MA



Laura Caroline Santos Martel, 17 anos,
3º ano do Ensino Médio,
Quilombo Vila Velha, AP

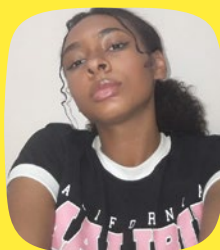




Lawanda Barros dos Santos, 17 anos
2º ano do Ensino Médio
Quilombo Ilha de São Vicente, TO



Myllena Cruz Ricardo, 16 anos
2º ano do Ensino Médio
Quilombo Dores de Macabu, RJ



Lívia Maria Souza Bastos, 17 anos
3º ano do Ensino Médio
Quilombo Agreste, MG



Paulo Silvio Pupo Júnior, 15 anos
1º ano do Ensino Médio
Quilombo Ivaporunduva, SP



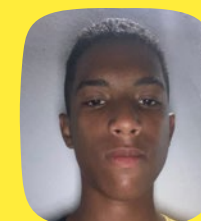
Marcelly Cristina M. Celestino, 17 anos
3º ano do Ensino Médio
Quilombo Córrego do Meio, MG



Rhuanny Batista Albernás, 19 anos
3º ano do Ensino Médio
Quilombo São Judas Tadeu, PA



Maria Clara N. de Oliveira, 17 anos
estudante universitária
Quilombo Dilô Barbosa, ES



Rian Cutrim Mota, 16 anos
1º ano do Ensino Médio
Quilombo Tanque de Valença, MA



Maria Leontina Nunes Freitas, 18 anos
estudante universitária
Quilombo Conceição das Crioulas, PE



Silvia da Silva Trindade, 16 anos
1º ano do Ensino Médio
Quilombo Santa Tereza do Matupiri, AM



Mariana de Jesus, 16 anos
2º ano do Ensino Médio
Quilombo de Caraíbas, PI



Sofia Mirela D. da Silva, 17 anos
3º ano do Ensino Médio
Quilombo Chumbo, MT



Micaelly Estefanny de J. G. Calixto, 16 anos
2º ano do Ensino Médio
Quilombo Linharinho, ES



Stefani Matos da Rosa, 15 anos
2º ano do Ensino Médio
Quilombo João Surá, PR





Thamyrys Nathalya de C. Araujo, 18 anos
estudante universitária
Quilombo Novo Buíque, PE



Thasla Alves dos Santos, 18 anos
estudante universitária
Quilombo Maria Preta, BA



Vanessa Moreira da Conceição, 18 anos
estudante universitária
Quilombo Kalunga, GO

